

RORTY: UMA UTOPIA DE PRIMAZIA DA LITERATURA E DA LIBERDADE

É errado, portanto, censurar um romance que é fascinante por suas misteriosas coincidências [...] mas é certo censurar o homem que é cego a essas coincidências em sua vida diária. Pois sendo assim, ele priva sua vida de uma nova dimensão de beleza.
(Milan Kundera – *A Insustentável Leveza do Ser*)

Wilker de Carvalho Marques¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)

 <https://orcid.org/0000-0001-6182-1361>

E-mail: wilker_marques@yahoo.com.br

Vigevando Araújo de Sousa²

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

 <https://orcid.org/0000-0003-4899-2603>

E-mail: vigevando33@gmail.com

RESUMO:

Richard Rorty (1931-2007) destacou-se como relevante pensador da vida política contemporânea, além de construir um arcabouço de ideias acerca da linguagem, da cultura, da liberdade e da solidariedade. Uma de suas bandeiras mais recorrentes foi a primazia da literatura em relação à filosofia e da liberdade em relação à verdade. Para os fins do presente artigo, partimos de trechos da entrevista de Rorty por Helmut Mayer e Wolfgang Ulrich, compilada no texto *É bom persuadir*, em *Cuida da liberdade que a verdade cuidará de si mesma*. Além desse texto, lançamos mão também de *Filosofia e esperança social* (de 1999), e, em especial, *Educação como socialização e individualização* (de 1989), texto em que o autor, afastando-se do entusiasmo pela filosofia tradicional e defendendo a adoção de uma *filosofia edificante*, defende a primazia da liberdade sobre a verdade assumindo, por conseguinte, uma postura marcadamente *antidogmática, antiessencialista e antifundacionista*.

PALAVRAS-CHAVE: Rorty; Utopia; Liberdade; Verdade; Literatura.

RORTY: A UTOPIA OF LITERATURE AND FREEDOM PRIMARY

ABSTRACT:

Richard Rorty (1931-2007) stood out as a relevant thinker of contemporary political life, in addition to building a framework of ideas of language, culture, freedom and solidarity. One of his most recurrent banners was the primacy of literature over philosophy and freedom over truth. For the purposes of this article, we start with excerpts from Rorty's interview by Helmut Mayer and Wolfgang Ulrich, compiled in the text *It's good to persuade*, in *Take care of freedom that the truth will take care of itself*. In addition to this text, we also use *Philosophy and social hope* (from 1999), and, in particular, *Education as socialization and individualization* (from 1989), a text in which the author, moving away from the enchantment of traditional philosophy and defending the adoption of a philosophizing, primacy of freedom the edifying truth, by dogmatic, over a markedly essentialist and anti-foundationist posture.

KEYWORDS: Rorty; Utopia; Freedom; Truth; Literature.

¹ Doutor(a) em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – RJ, Brasil. Professor(a) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), Teresina – PI, Brasil.

² Doutorando(a) em Filosofia na Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina – PI, Brasil.

Introdução

Uma questão recorrente na retórica rortyana é a primazia da literatura sobre a filosofia. Com o fito de apresentá-la, partiremos do texto *É bom persuadir*, em que Rorty expõe aspectos gerais de sua perspectiva. Concentraremos-nos, entretanto, neste ponto específico: Rorty estabelece uma linha de prioridades entre Literatura e Filosofia, evidenciando a primazia daquela sobre esta³.

Segundo o filósofo estadunidense, em uma situação utópica de liberdade e solidariedade, a filosofia não seria descartada, não seria um saber inútil. Entretanto, a sua maior utilidade estaria em ajudar a sintetizar as intuições morais a partir de princípios. Desse modo, precisaríamos nos desvencilhar da ideia de uma Filosofia (com *F* maiúsculo) útil e essencial para estabelecer a Verdade e fazer a crítica geral dos saberes. Ela seria uma auxiliar na tarefa de ampliação dessas intuições morais, cuja competência precípua é da literatura, em geral, e do romance, em especial.

Na segunda parte desse artigo, pretendemos mostrar, outra linha de prioridades estabelecida na retórica rortyana: a primazia da liberdade em detrimento da verdade. Essa articulação é feita a partir da importância que ele dá ao uso da linguagem que é passageira, contingente e contextual. Contudo, o filósofo neopragmatista, estabelece uma crítica à filosofia tradicional em relação à busca da Verdade e mesmo à crença na existência de uma verdade definitiva que se possa buscar. Com isso, portanto, evidenciamos a crítica – e mesmo a negação – de uma epistemologia tradicional, levada a efeito em toda a produção intelectual de Rorty.

Sua abordagem consiste, por conseguinte, em colocar a política e sua ordem democrática longe dos imperativos de verdades absolutas herdadas pela tradição filosófica ocidental. Ora, como são transitórios os problemas filosóficos, os vocabulários também o são e devem acompanhar a transformação e mudança da realidade. Sob essa perspectiva, se novos problemas surgem, novos vocabulários devem ser inventados para descrever a realidade mutável e essa mudança vocabular também faz surgir novos problemas a serem considerados.

Por fim, veremos que Rorty integra as ideias acima elencadas a uma utopia política, uma utopia cosmopolita liberal-democrática. A sociedade pensada em tal utopia deverá se realizar pela ação dos “ironistas liberais”, pois estes irão formular o melhor “eu” possível através da redescritção e persuasão, redescrivendo assim, a realidade continuamente e longe do dogmatismo, fundacionalismo e essencialismo da tradição filosófica.

Rorty se mostra um pensador importante da realidade social contemporânea, ao tempo que aponta suas mazelas e indica caminhos possíveis a se trilhar. Alguns dos argumentos para tanto, são o que pretendemos mostrar nesse texto.

1. A primazia da literatura sobre a filosofia

Rorty, ao ser entrevistado por *H. Mayer e W. Ulrich*, inicia o debate intitulado: “É bom persuadir”, em *Take Care of Freedom and Truth Will Take Care of Itself*, (*Cuida da liberdade que a verdade cuidará de si mesma*). Nesse contexto, Rorty é inquirido sobre a afirmação de que sua abordagem filosófica inclui uma preferência pela literatura em desfavor da filosofia. A essa questão, responde que a literatura é mais importante no sentido de proporcionar um **progresso moral**, pois contribui com a ampliação da *sensibilidade* das pessoas e da *faculdade de imaginação*, contribuindo em muito para o incremento da capacidade de se importar com a dor dos outros. A

³ A adoção dessa linha de prioridades em desfavor da filosofia tem resultado em muitas críticas por parte de intelectuais mais conservadores. Alguns, por exemplo, chegaram a dar-lhe a alcunha desconcertante de “filósofo anti-filósofos”.

filosofia, por sua natureza mais teorizante é menos apropriada a esse fim, mas permanece útil no sentido de ajudar a sintetizar essas intuições morais a partir de princípios. Ela não precisa, portanto, carregar o fardo de ser ou de encontrar a resposta para todas as questões relevantes da sociedade.

A reflexão proporcionada por Rorty consiste em ampliar nosso senso de “nós”, nossa capacidade de “identificar-se imaginativamente” com os outros, através da sensibilização. Desse modo, a experiência proporcionada pela literatura e pelo romance, tem o potencial de conduzir o leitor a esse tipo de experiência com muito mais eficácia. Identificar-se imaginativamente com os outros, ser capaz de vê-los, ampliando o sentido da tolerância e da solidariedade é o progresso moral que Rorty acredita ser possível às pessoas.

Apesar de que Rorty afirma que a literatura não é o único saber que concorre para tornar os seres humanos mais sensíveis em relação às necessidades mútuas e que artistas, engenheiros e cientistas naturais também colaboram para uma vida materialmente melhor, para ele, os *romancistas* e *poetas*, em especial, podem contribuir sobremaneira para o incremento da capacidade imaginativa e a sensibilização das pessoas para que estas se tornem mais tolerantes e solidárias e abertas à construção de uma sociedade cada vez mais democrática e cosmopolita. Desse modo,

[...] O que nos torna mais cosmopolitas é, por um lado, o aumento de dinheiro e segurança e, por outro, o desenvolvimento da fantasia e o poder da imaginação [...] Os poetas ampliam nossa linguagem usando metáforas e similares que às vezes se tornam expressões fixas. Neste sentido especialmente, a filosofia é conservadora e extremamente sóbria; a poesia, entretanto, é radical e expansiva. (RORTY, 2005, p. 90–91. Tradução nossa).

Assim, podemos afirmar que no entendimento de Rorty, a literatura é concebida em geral como um produto estético, e indubitavelmente não deixa de sê-lo; um produto que favorece uma sensação de prazer e certas emoções em um leitor ou expectador. Ademais, Rorty não acredita ser útil a noção herdada da tradição aristotélica de que o pensamento representa a realidade objetiva. Em consequência, o neopragmatismo de Rorty tem como um dos seus principais atributos a vinculação entre progresso moral e literatura.

Ora, o texto literário, diferentemente do texto científico, tem a prerrogativa da utilização de palavras com grande liberdade, e, dessa forma, torna-se uma via de expressão não apenas de ideias, mas de sentimentos e valores. Há nele uma força que falta a certos discursos doutrinários – filosóficos e religiosos, por exemplo. De fato, Rorty afirma que os fundamentalismos religiosos têm o potencial de segregar as pessoas e os grupos humanos, colocando-os uns contra os outros. Isso é o exato oposto do que ele defende, a ampliação incessante do “senso de nós”. Rorty não economizou em nomear grupos e minorias afetados pelo sentimento de segregação, observando os problemas da *homofobia*, do *racismo* e da *misoginia* existentes em sociedades fundamentalistas e persistentes até nas sociedades mais democráticas e liberais. Com isso, Rorty comenta que,

[...] a transição de uma cultura filosófica para uma cultura literária começou logo após Kant, na época em que Hegel nos advertiu de que a filosofia pinta cinza sobre cinza apenas como uma forma de vida que já envelheceu. Essa observação ajudou a geração de Kierkegaard e Marx a perceber que a filosofia nunca iria preencher o papel redentor que o próprio Hegel havia reivindicado para ela. As reivindicações supremamente ambiciosas de Hegel para a filosofia eram contraproduzidas. Seu sistema mal havia sido publicado quando começou a ser lido como uma *reductio ad absurdum* de uma certa forma de vida intelectual. (RORTY, 2009, p. 159).

Assim, Rorty estabelece uma ácida crítica em relação à pretensão tradicional da filosofia, e sugere que os filósofos deixem de lado o enfrentamento dos problemas filosóficos perenes, que, na verdade, deixam de ser importantes quando estamos preocupados com coisas mais urgentes da vida social. Sua crítica perpassa a filosofia tradicional e atinge também a religião e todas as formas de essencialismo.

Na literatura, as verdades – e não a “Verdade” – serão atingidas por meio do diálogo aberto, da diversidade de pessoas e ideias. Portanto, o auge de uma cultura literária, na visão de Rorty faz com que a filosofia e a religião sejam percebidas tão somente como gêneros literários, firmando-se como objetos de consumo do intelectual literário. Paim comenta que na visão de Rorty,

[...] a filosofia foi marcada por um progresso de transição e de amadurecimento cultural, porque serviu para fazer com que os homens pudessem ter aumentada a sua confiança nos seus próprios poderes intelectuais. Porém, ela deve ser colocada de lado pelo fato de que uma grande esperança por uma cultura liberal não advém da razão, mas da imaginação, aspecto eminente pelo qual a literatura é criada. (PAIM, 2019, p. 122)

É perceptível que para Rorty a literatura nos conduz a mundos diferentes e novos. Sobretudo ela nos possibilita enxergarmos a nós mesmos e empreendermos a tarefa difícil de *redescrevermo-nos de nós mesmos* no âmbito político e social. “O “método filosófico” da redescrição, grosso modo, significa recontar, revisar, descrever de uma maneira nova e diferente qualquer objeto em causa” (RORTY, 2007, p. 28 -30).

Assim, o neopragmatista explicita que *ipso facto* “o romance, o cinema, e o programa de televisão, de forma paulatina, mas sistemática, vêm substituindo o sermão e o tratado como principais veículos de mudança e progresso morais.” (RORTY, 2007, p. 20). Com isso, evidencia-se o abandono das fundações e premissas metafísicas por parte de Rorty.

Em um determinado momento, os interlocutores Mayer e Ulrich questionam como a ideia do poeta heroico pode ser relacionada à figura do ironista liberal. Rorty então responde que em seu livro, *Contingência, ironia e solidariedade*, conceitua a “ironia” como o reconhecimento da contingência de nossos próprios “vocabulários finais” (RORTY, 2005, p. 93). Significa dizer que os vocabulários – inclusive aqueles com os quais descrevemos a nós mesmos – são tão contingentes quanto toda a linguagem. Rorty assevera a contingência da linguagem, do indivíduo e da própria sociedade liberal. Por esse motivo, ressalta que haverá sempre uma tensão entre os vocabulários antigos e os novos que se formam. Com isso, Rorty rechaça a possibilidade de qualquer verdade fixa, como queriam os dogmáticos.

[...] Podemos acrescentar a isso o conhecimento de que nunca haverá um poema final; nunca haverá um fim para o processo de confronto com a história. Um espaço de autocriação sempre estará disponível, mas nenhuma autocriação pode ser ratificada por algo que está fora de si mesmo. (RORTY, 2005, p. 93. Tradução nossa).

A proposta de Rorty é eminentemente liberal-democrática. Ela prioriza a luta por melhorar a vida dos mais desfavorecidos, ao tempo que enfatiza a liberdade individual e a defesa do antifundacionismo:

[...] é que abandonar o conforto metafísico das fundações e aceitar plenamente a contingência radical da vida humana é o caminho para “um senso renovado de comunidade”. Sem fontes transcendentais de autoridade para apelar – isto é, nenhum Deus, Razão, História, Conhecimento ou Verdade – “nossos companheiros humanos

[tornam-se] nossa única fonte de orientação”, o fundamento não fundacional da política pós-filosófica. (VOPARIL, 2006, p. 64. Tradução nossa).

Desse modo é necessário afastar-se da ideia de que podemos encontrar um “fundamento único para o conhecimento e para a verdade, pois isso ameaçaria a liberdade.” (GHIRALDELLI JR., 1999). Rorty, então substitui a verdade pela liberdade como meta do pensamento e do progresso social e, portanto, ressalta que o sentido da solidariedade humana não deve ser buscado em algo essencial, fora da história e das instituições humanas ou naquilo que todos os seres humanos têm em comum. Tanto a ampliação da solidariedade quanto a sua limitação, ou até mesmo a sua extinção são fenômenos eminentemente humanos, contingentes, históricos e atrelados às instituições criadas e mantidas pelo homem e por seus valores. Em uma sociedade utopicamente liberal, nos moldes do que pensava Rorty, uma coisa é muito clara às pessoas: não podemos contar com nada e com ninguém além dos seres humanos que estão ao nosso redor; só temos uns aos outros.

Podemos concluir que é a partir deste enfoque moral que Rorty pensa na melhoria de condições de vida de grupos fracos e oprimidos aludindo com o que denomina de “autoridade semântica”, ou seja, a estratégia, o uso da linguagem como meio eficiente para possibilitar mudanças no comportamento. Enquanto partidário e adepto da solidariedade, a consideração rortyana sobre a importância da investigação humana cooperativa e tolerante não dispõe de uma base epistemológica ou metafísica, mas sobeja embasamento ético e encaminhamentos políticos.

2. A primazia da liberdade sobre a verdade

Em *A Filosofia e o espelho da natureza* – livro com o qual inaugurou sua produção filosófica e despertou o interesse da comunidade acadêmica – Rorty analisava a tradição filosófica do Ocidente, em particular a “sucessão Platão-Kant”. Um objetivo claro nesse texto era “desmistificar” seus princípios antagônicos ou dualismos próprios como *conhecimento x opinião*, *essência x acidente* e *realidade x aparência* e a concepção de que uma análise racional seria apta a desvelar uma verdade secreta, uma “natureza inerente”, que se encontra velada através de uma realidade aparente.

Desse modo, a ideia platônica de que a razão e a teoria libertavam a consciência humana das contingências de um mundo mítico era desconstruída pelo filósofo estadunidense, pois, para ele, não há uma essência determinada para se explicar a realidade.

Não obstante, Rorty afasta-se também da premissa, de tradição aristotélica, de que a mente seja como um *espelho da natureza*. A ideia de verdade como correspondência da realidade⁴ será, daí em diante, uma das mais rechaçadas pelo filósofo. Ora, “a noção de um Espelho da Natureza desobscurecido é a noção de um espelho que não pudesse ser distinguido daquilo que era espelhado e que, por conseguinte, não fosse de todo um espelho” (RORTY, 1988, p. 291). Por essa concepção de verdade, o conhecimento seria mais apurado à medida que a mente se tornasse como uma lente mais polida e translúcida, capaz de permitir o acesso fidelíssimo à realidade das coisas como elas são.

Com isso, Rorty intencionava superar o paradigma epistemológico da filosofia de Descartes, Locke e Kant, cuja ideia de verdade independe de perspectiva e contexto. Na concepção rortyana, por sua vez, qualquer atividade que se possa chamar de conhecimento deve incorporar o vocabulário da prática e não se restringir ao da teoria. Assim, seguindo a linha de

⁴ Como uma das teorias da verdade, essa ideia recebe o nome de *correspondentismo*.

raciocínio pragmatista, dever-se-ia extrair algo útil sobre toda pretensão de verdade, a verdade deve ter sentido prático.

Como decorrência de todo esse complexo de ideias acerca da verdade e da liberdade, Rorty objetiva com afincos colocar a política – e sua ordem liberal-democrática – compreendida longe dos imperativos de verdades absolutas herdadas pela tradição filosófica ocidental.

Rorty publicou em 1999 o livro *Philosophy and social hope*⁵, uma importante compilação de artigos, muitos deles publicados anteriormente em periódicos importantes. Um dos artigos que compõem esse apanhado completava dez anos à época dessa edição: *Education as Socialization and as Individualization*⁶. Nele o autor descrevia a sociedade política estadunidense, especialmente no aspecto dos fundamentos políticos da prática educacional. De acordo com a sua perspectiva, “quando as pessoas da direita política falam sobre educação, imediatamente começam a falar sobre a verdade.” (RORTY, 1999, p. 114. Tradução nossa). Assim, para ele, a *direita política* nos EUA havia empreendido grande progresso em ditar os fundamentos da educação nos últimos tempos, e isso, em grande medida, seria uma consequência da postura exageradamente teorizante dos intelectuais de esquerda⁷.

Ora, a *direita política* nos Estados Unidos, de orientação marcadamente essencialista, informada por todas as formas de platonismo, defende uma teoria segundo a qual a partir do momento que se tem uma verdade (no sentido de uma busca) “a liberdade se seguirá automaticamente.” (RORTY, 1999, p. 114. Tradução nossa). Assim, a verdade tem que ser compreendida como a superação dos entraves ao desenvolvimento da “razão”, pois segundo essa lógica, a razão é que fundamenta a ação e alcança seu propósito na verdade. Só após isso, segue-se a liberdade, como uma consequência.

Rorty, por sua vez, apresentava uma lógica invertida em relação à teoria platônica. A esquerda política deve entender que “se cuidar da liberdade, especialmente a liberdade política e econômica, a verdade cuidará de si mesma.” (RORTY, 1999, p. 115. Tradução nossa). Muito mais importante que a obsessão pela verdade seria a busca e a defesa determinada e incansável da liberdade. Por isso, o filósofo neopragmatista afirma que,

[...] Para mim, os conservadores erram em pensar que temos ou uma faculdade de descobrir a verdade chamada ‘razão’ ou uma verdadeira individualidade que a educação traz à consciência. E penso que os radicais estão certos quando dizem que se se cuida da liberdade política, econômica, cultural e acadêmica, então a verdade cuidará de si mesma. Mas acredito que os radicais estão errados quando creem que existe uma verdadeira individualidade que emergirá uma vez seja removida a influência repressora da sociedade. (RORTY, 1999, p. 117. Tradução nossa).

Assim, Rorty considera não haver uma *natureza humana* no sentido empregado pela tradição filosófica, especialmente por intelectuais como “Platão e, contemporaneamente, Strauss” (RORTY, 1999, p.117). Do mesmo modo não há essa tal de *alienação da condição humana*, consequência de repressão social no sentido popularizado por Rousseau e pelos marxistas. Para ele, o que há é somente a adaptação de um animal num ser humano⁸, por meio de um processo de

⁵ *Filosofia e esperança social*.

⁶ *Educação como socialização e individualização*.

⁷ Essa consideração fica ainda mais evidente no último livro do autor, *Achieving our Country – leftist thought in Twentieth-Century America* – em português, editado como *Para realizar a América: o pensamento de esquerda no século XX na América*, em 1999.

⁸ Rorty tinha um viés *naturalista e historicista*, advindo, especialmente, de sua predileção pela leitura de autores como Darwin e Nietzsche.

socialização, continuado pela auto-individualização e autocriação desse ser humano por via de sua respectiva e posterior insubordinação contra esse mesmo processo.

Rorty então defende que a educação nos EUA à sua época tenha características visivelmente fundacionistas—essencialistas herdadas de teorias conservadoras que informam e moldam a *práxis* educacional. A direita política mostra uma inclinação pelo viés essencialista quando, por exemplo, aceita que os seres humanos possam assumir com sucesso a tarefa de *encontrar a natureza intrínseca das coisas* e o devem fazer, *par excellence*, por meio do desenvolvimento de suas faculdades racionais.

Contudo, Rorty não direciona a sua crítica exclusivamente a esse erro por parte da direita política. Sua retórica recai também sobre a postura da esquerda, especialmente a “esquerda acadêmica”, que se mantém afastada da realidade prática da política real, abrindo mão da defesa efetiva da liberdade enquanto se dedica à produção meramente intelectualista, tanto em relação à verdade quanto em relação à liberdade.

Para o filósofo neopragmatista, os agentes da esquerda devem compreender que a liberdade tem um valor notadamente superior e prévio em relação à verdade. Ao renunciar o “ascetismo platônico”, a esquerda estaria em condições de empreender “a crítica social socrática” (RORTY, 1999, p. 114. Tradução nossa). Desse modo, para uma esquerda assim compreendida, a função típica da educação é fazer com que os jovens compreendam que não precisam concordar com esse processo alienante de socialização.

Rorty, (2005, p. 101) então propõe como método para que os jovens estudantes tenham ferramentas para fugir da alienação, a *ironia*. Uma sociedade cada vez mais ironista depende disso: que os jovens se tornem capazes de enxergar a contingência da linguagem, da sociedade e, até mesmo, dos vocabulários com os quais descrevem a si mesmos.

A obtenção de uma postura ironista a esse ponto exige que os educandos leiam uma grande quantidade de histórias, especialmente aquelas que sejam edificantes e norteadoras de um espírito de esperança social. É justamente o contato com uma diversidade de ideias que possibilita o aguçamento do senso crítico e proporciona uma relativização das situações. Nesse sentido, o *Evangelho* e o *Manifesto do Partido Comunista* seriam leituras igualmente importantes, e não haveria necessidade de que esses leitores decidissem entre um ou o outro como textos importantes e inspiradores na construção de um espírito para a solidariedade e a liberdade.

Eis a grande importância de uma educação edificante na retórica de Rorty: a utopia liberal rortyana, uma utopia de solidariedade e liberdade, realizar-se-á pela ação dos *ironistas liberais*, eles são o *cidadão utópico*, capaz de reconsiderar, de colocar-se no lugar do outro, de manter sempre aberta a linha do diálogo, da persuasão, em desfavor da violência:

[...] Em outras palavras, o que importa é nossa capacidade de falar com outras pessoas sobre o que nos parece verdade, e não sobre o que de fato é verdade. Se cuidarmos da liberdade, a verdade poderá cuidar de si mesma. Se formos suficientemente irônicos sobre nossos vocabulários finais e suficientemente curiosos sobre o de todas as outras pessoas, não precisaremos ter a preocupação de saber se estamos em contato direto com a realidade moral, se fomos cegados pela ideologia, ou se estamos sendo debilmente “relativistas”. (RORTY, 2007, p. 292).

Assim, consciência da contingência e a habilidade de redescrição são os elementos que tornam possível a atividade de reajustar as antigas crenças frente às atuais, e evitar que se caia em posturas dogmáticas. Com isso, o desdobramento de um pragmatismo sem método considera a redescrição como um dispositivo com o ensejo de que seja “[...] possível jogar com diversas descrições de um mesmo evento sem perguntar qual delas estava certa [...]” (RORTY, 2007, p.

83). Para Rorty (2007, p. 80 – 93), o “ironista liberal” não tem a preocupação em desvendar a essência da realidade, porque cada noção teórica particular passa a ser entendida como um vocabulário a mais, uma descrição a mais. Portanto, o vocabulário do liberalismo iluminista maduro – o vocabulário de uma *sociedade utópica cosmopolita liberal-democrática* – recusa o racionalismo iluminista, tornando-se, cada vez mais, “descientificado” e “desfilosofizado”.

Enfim, os ironistas, para Rorty reconhecem que qualquer coisa pode ser conduzida a aparentar boa ou má, “interessante ou tediosa, ao ser recontextualizada, ao ser redescrita”. (RORTY, 2007, p. 196). Assim, não é de estranhar que o filósofo estadunidense, tenha afirmado, que sob a ótica educacional, campo oposto ao epistemológico ou tecnológico, a maneira como as coisas são faladas é mais relevante do que a posse de determinadas “verdades” (RORTY, 1988, p. 353). Portanto, segundo Rorty, a noção de verdade como correspondência com a realidade poderia ser mudada por algo em que se passa a crer no transcorrer de contatos e relacionamentos livres e abertos das práticas linguísticas.

Considerações finais

Observamos que, sob a perspectiva rortyana, evidencia-se uma concepção de *democracia* que tem como base a *pluralidade* e *relatividade* das noções de boa vida e de verdade. Em sua retórica, a *literatura* tem o condão de fazer com que as pessoas possam ser sensibilizadas em relação a questões muito relevantes da convivência social. Daí a importância central dos romancistas e poetas. Eles são fazedores fortes, aquelas pessoas capazes de fornecer a coesão necessária para ação coletiva, respeitando a diversidade e promovendo a consciência da necessidade de se cuidar dos valores importantes à vida social: a liberdade e a solidariedade, em especial.

O apelo pela literatura em geral, e pelo romance em particular, por parte de Rorty, não consiste somente, no final das contas, num apelo pela *ironia* contida nesses estilos de escrita, mas propriamente, pelo caráter *político-liberal* de suas obras. De acordo com isso, “[...] a ação política coletiva que visa a remediar a injustiça requer uma identidade moral compartilhada”. (VOPARIL, 2006, p. 62. Tradução nossa), um sentimento de *lealdade* mútua.

Em Rorty, para sintetizar, a política e sua ordem democrática estão compreendidas longe dos imperativos de verdades absolutas herdadas pela tradição filosófica ocidental, a literatura tem primazia face à filosofia e a liberdade face à verdade.

O filósofo buscou desnudar o conhecimento de qualquer resquício de transcendência no esforço de naturalizá-lo e deflacioná-lo. Com isso, empreende uma certa desmistificação da verdade, tornando a noção de Verdade absoluta profundamente desprezível e inútil. Para ele, a capacidade de reinvenção da linguagem (seja através da metáfora, das artes ou literatura) provocam efeitos na prática, ampliando “o universo lógico de perspectivas”. E a esperança social rortyana é o resultado da esperança depositada na faculdade do ser humano de interagir por meio da linguagem, no sentido de descoberta e invenção de novos caminhos e de mudança contínua da paisagem social, em detrimento de “verdades” sólidas e rígidas.

Rorty tem uma utopia política, mas, mais que isso, sonha com um mundo em que seja continuamente possível repensar, reconsiderar, rever, redescrever e criar, a cada literalização de uma metáfora, metáforas sempre novas, sonhos sempre maiores e utopias intermináveis de mundos melhorados pela ação dos homens, que só têm uns aos outros nesse mundo.

Referências

- GHIRALDELLI JR., Paulo. *Richard Rorty: a filosofia do novo mundo em busca de mundos novos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- MORAES, Maria Célia. M. Ceticismo epistemológico, ironia complacente: indagações acerca do neopragmatismorortyano. In: MORAES, Maria Célia. M. (Org.). *Iluminismo às avessas: produção de conhecimento e políticas de formação docente*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 169-198, 2003.
- PAIM, Marcos. V. (2019). Da filosofia à literatura, pela mão do neo-pragmatismo de Rorty. *Argumento*, (12), p. 119 –126.
- RORTY, Richard. *Consequences of pragmatism*. Hempstead: University of Minnesota Press, 1982.
- RORTY, Richard. *A filosofia e o espelho da natureza*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.
- RORTY, Richard. Education as Socialization and as Individualization (1989). In: *Philosophy and social hope*. New York: Penguin, p. 114 – 126, 1999.
- RORTY, Richard. Es bueno persuadir. In: *Cuidar la libertad y a verdade se cuidará a sí misma: Entrevistas sobre política y filosofía*. Ed. Eduardo Mendieta. Traducción de Sonia Arribas. Editorial Trotta, S.A., 2005.
- RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- RORTY, Richard. Erros Honestos. In: *Filosofia como política cultural*. Trad. João Carlos Pijnappel. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- VOPARIL, Chistopher J. The Politics of the Novel: Rorty on Democracy, Irony, and moral Education: In: *Richard Rorty: politics and vision*. Oxford (UK): Rowman & Littlefield, 2006, p. 61-88.

Contribuição dos(as) autores(as) / Author's Contributions:: Vigevando Araújo de Sousa foi o idealizador do artigo. Wilker Marques fez as primeiras revisões e incorporou alguns temas e linhas de argumentações. Ambos(as) aceitaram e aprovaram a versão final do texto.

Autor(a) para correspondência / Corresponding author: Vigevando Araújo de Sousa. vigevando33@gmail.com